

Dias difíceis para captar no 'private equity'

Luciana Del Caro
De São Paulo

A atividade de "private equity" e "venture capital" no Brasil está entrando em desaceleração. A queda no ritmo de crescimento norte-americano e brasileiro, a desvalorização do real e a proximidade das eleições presidenciais aqui devem dificultar a captação de recursos para a compra de participações em empresas brasileiras, impactando os negócios do setor.

Do primeiro semestre do ano passado — quando as transações com empresas de internet faziam muito barulho — para o mesmo período deste ano, já é possível verificar a retração. O número de negócios fechados em "private equity" (PE) e "venture capital" (VC) caiu de 53 para 37, segundo dados da Stratus Investimentos. O valor investido também recuou: de US\$ 822 milhões para US\$ 470 milhões.

Ambas as modalidades de investimento compram participações em empresas de potencial e passam a acompanhar sua gestão. Após alguns anos, saem da sociedade e apuram o lucro ou prejuízo. Enquanto as transações de PE envolvem empresas já estabelecidas e grandes somas, o VC

busca companhias mais jovens. Os investimentos não se fazem necessariamente via fundos.

Álvaro Gonçalves, diretor da Stratus, diz que a queda foi fruto da mudança no cenário macroeconômico e, também, da supertatividade de muitos fundos no ano passado. Em 2001, eles se dedicaram a cuidar dos investimentos feitos. Para ele, o nível de atividade é alto, mas há certa decepção porque se esperava mais.

O estouro da bolha dos investimentos em empresas de internet também afetou o setor, que agora dá mais importância às empresas que trazem alguma inovação tecnológica — em qual-

quer ramo da economia — que as focadas em internet. Os critérios de seleção estão mais rígidos e, também, os múltiplos analisados na hora de avaliar o valor do negócio são outros, mais realistas.

De acordo com os dados da Stratus, 74% das transações feitas no primeiro semestre de 2000 envolviam companhias de internet. No mesmo período de 2001, o número foi para 35%.

Segundo Carlos Kokron, diretor da Intel Capital no Brasil, nos dois últimos anos houve um superinvestimento em internet. Ele diz que o mercado está passando por uma correção, mas que os investimentos em infra-estrutura

serão retomados para sustentar a expansão no uso da internet.

Profissionais dizem que também há um fator cíclico na desaceleração do PE e do VC: após a compra de participações, os investidores se voltam para o acompanhamento das empresas e deixam a estruturação de novos negócios em segundo plano.

Atualmente, ainda há recursos levantados e que não foram investidos — o que reduz a necessidade de buscar mais dinheiro. "Os recursos para novos fundos estão mais escassos. O volume existente é grande e a concorrência por bons projetos também", diz André Burger, diretor da CRP.

Mesmo sem haver avidez por novos recursos, quem precisar de dinheiro do exterior poderá encontrar portas fechadas. "Muitos investidores devem preferir a lidez até que o cenário se defina. A desvalorização barateou as empresas brasileiras, mas os preços das estrangeiras também caíram", diz Sidney Chameh, diretor da Decisão Gestão Financeira.

Outro ponto é que a flexibilização do câmbio trouxe incerteza para quem tem dólares na carteira. "Quem investiu em 98 e 99 vai tomar um prejuízo muito grande em dólares por conta da desvalorização. O investimento vai ter de render muito bem para

compensar", diz o diretor de uma empresa nacional. Há ainda outro fator que adiciona risco: eleições presidenciais.

Para Luiz Fernando Caetano, diretor do BanCBoston Capital, as fontes de recursos devem voltar: "Poucos mercados no mundo têm potencial de retorno e investimento como o brasileiro".

No momento, quem precisa levantar fundos olha com mais atenção para recursos públicos, de organismos multilaterais e fundos de pensão. "As fontes públicas devem se tornar mais importantes", diz Robert Binder, diretor da Associação Brasileira de Capital de Risco. "O governo está preocupado em gerar empreendimentos a partir do conhecimento científico", afirma.

Um dos projetos para incentivar negócios de base tecnológica é o Projeto Inovar da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia. O primeiro fundo constituído foi o FMIEE Stratus VC, de R\$ 30 milhões.

A participação desses investidores será um dos temas de um seminário na próxima semana, no Rio de Janeiro. Menos recursos e mais cautela também deverão permear as discussões.